

# FOME NA TERRA DA PROMISSÃO

Wilma Melhorim AMORIM<sup>1</sup>

## RESUMO

Hoje, mais do que nunca, o desenvolvimento técnico-científico aplicado ao setor agrícola, como nos demais ramos da vida moderna, serve para atestar o espetacular avanço a que se chegou a humanidade. No entanto, a despeito de tantas conquistas, a fome ainda castiga milhares de pessoas pelo mundo afora. Isso se dá porque esse processo de desenvolvimento, nos moldes do sistema capitalista de produção, não se primou por razões éticas e democráticas no sentido de dar a todos o que lhes cabe na parcela de distribuição dos bens naturais e culturais historicamente conquistados. A busca incessante do lucro, direcionada pela economia de mercado, impede que milhares de pessoas se beneficiem das conquistas que deveriam promover o bem estar humano como um todo. É assim que populações inteiras têm suas necessidades ignoradas e padecem em decorrência da fome em meio a uma inesgotável capacidade de produzir alimentos.

A agricultura mundial alcançou, nas últimas décadas, um grau de desenvolvimento técnico científico espetacular. Hoje, é possível falar não só em plantas e animais produzidos em laboratório, como também em vegetais que sintetizam proteínas animais, ou mesmo inventar outras espécies mexendo nos genes das já existentes. Dentro desse novo processo de produção, pode-se falar, ainda, das novas modalidades de irrigação do solo, da conservação de alimentos por meio de irradiação, da fusão de protoplastos (cruzamento de espécies e/ ou plantas estéreis ou sexualmente incompatíveis) ou mesmo da micro propagação (produção de clones de plantas *in vitro* possibilitando melhor qualidade de mudas).

Como se vê, as novas formas de produzir que vêm sendo incorporadas à plantação são muitas e variadas. Mas a grande estrela do momento, no campo da engenharia genética, está sendo a soja transgênica, constituída por exemplares que recebem, em laboratório, a adição de um gene de outra espécie para ganhar algumas características importantes.

---

<sup>1</sup> Geógrafa e mestra em História pela UFG. Professora dos cursos de Geografia e História da Unidade Universitária "Cora Coralina" da UEG.

Uma dessas características constitui em dar à planta maior resistência às pragas e a vírus, possibilitando, assim, a abolição ou diminuição do uso de agrotóxicos.

A soja “Roundup Ready,” um dos produtos mais importantes na pauta de exportação, ao receber o gene de uma bactéria, adquire, entre outras vantagens, maior resistência a um dos herbicidas mais usados nesse tipo de cultivo, o “Roundup,” fabricado pela mesma empresa que produz a super semente, já que a soja comum não resiste à aplicação deste produto. Além dela, muitos outros transgênicos estão sendo colocados no mercado, carregando consigo as vantagens de serem incrivelmente férteis, florescerem em condições inóspitas, serem de fácil cruzamento, podendo possuir melhor sabor, além de agregar valor, como é o caso do milho, com níveis mais altos de gordura e aminoácidos, usado na produção de ração, ou mesmo do arroz enriquecido com vitamina A, muito adequado no combate à desnutrição.

Países como Estados Unidos, Argentina, Canadá e tantos outros já colhem os frutos advindos do aumento da produtividade e da baixa nos custos das plantas modificadas. Mas se em tantos lugares as prateleiras dos supermercados estão abarrotadas com alimentos modernos, outros, como é o caso de alguns países europeus e asiáticos, que possuem uma população mais exigente e cuidadosa com tudo o que consome, mostram-se resistentes em embarcar na nova onda de consumo. Essas sociedades exigem maiores cuidados no que diz respeito à saúde e, conseqüentemente, à sua qualidade de vida. São atitudes cautelosas que abrem campo para um promissor mercado de produtos tradicionais, do tipo orgânico, cultivados com o mínimo de aditivos químicos. Estaria nesses cultivares a saída para regiões que necessitam vender seus produtos, mas não estão dispostas a adotarem as novas tecnologias.

O Brasil não tem ficado alheio a esse movimento inovador do setor agrícola. Embora existam boatos de que há muito os brasileiros consomem transgênicos provenientes da Argentina, estes produtos não estão sendo abertamente comercializados por se encontrarem, ainda, em fase de pesquisa ou, como é o caso da soja transgênica, por enfrentar uma ação judicial do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC). Os representantes deste órgão apontam como razão à resistência a colocação de vegetais geneticamente modificados no mercado, o fato de os mesmos não terem sido analisados, suficientemente, podendo vir a causar riscos para a saúde e o meio ambiente. Dentre os riscos à saúde, fala-se em alergias causadas pela ingestão de substâncias não identificáveis pelo consumidor, já que a presença de um gene animal em uma planta comestível poderia produzir substâncias tóxicas aos seres humanos. Com relação ao meio ambiente, chama a atenção o desenvolvimento de pragas resistentes. Alguns cientistas preocupam-se com a possibilidade de ge-

nes resistentes a pesticidas poderem propagar-se das plantas que deveriam ser poupadas para as ervas daninhas que têm que ser erradicadas, ou que o pólen de um transgênico seja levado pelo vento ou por insetos para plantações vizinhas, resultando em cruzamentos imprevisíveis e temem a perda da biodiversidade. De qualquer forma, o país caminha rapidamente para o ingresso na era transgênica, com exceções de alguns estados do sul, que estão de olho no comércio de produtos orgânicos. Como já vimos, existe, no comércio de commodities, nichos específicos para produtos de preço mais elevados e de maior valor agregado, como é o caso dos cultivos convencionais. Trata-se de um grande filão comercial para a Europa, por constituírem produtos mais conhecidos e, por isso mesmo, mais confiáveis. Esses cultivares, apesar do custo mais elevado de produção e da menor rentabilidade na hora da colheita, adquirem um valor muito mais elevado, já que são destinados a uma clientela mais exigente, que não se incomoda em pagar mais para consumir alimentos que lhe dão maior segurança.

A atitude do governo brasileiro, em relação ao assunto, parece caminhar no sentido de viabilizar esse tipo de produção, tendo, no entanto, o cuidado para que o produto final, ao chegar às prateleiras dos supermercados, venha acompanhado de rótulo que o identifique, dando à população a oportunidade de saber, de antemão, o que está levando para sua mesa.

A favor do governo está uma imensa leva de produtores dispostos a lançarem mão de uma agricultura mais rentável, alegando, inclusive, a necessidade de competirem em situação de igualdade com a Argentina, nosso vizinho do Mercosul, já adepto dos plantios modernos.

Contra essa nova forma de produzir pesa, além dos possíveis danos à saúde e ao meio ambiente, também, o fato de que as grandes multinacionais poderão patentear as sementes modificadas, deixando o agricultor a sua mercê, já que a cada plantio terão que serem usadas sementes novas adquiridas sempre da mesma fonte, criando, assim, um laço permanente de dependência. Além do mais, no futuro, a opção alimentar das pessoas poderá ser dificultada à medida que se torna impossível identificar os componentes nutritivos de cada variedade.

Alguns órgãos governamentais, como é o caso da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), ou grandes empresas multinacionais, como a Monsanto, sediada em Goiatuba (GO), e suas congêneres, já estão prometendo, para a entrada do novo milênio, uma nova revolução na agricultura brasileira. Dentro dessa nova visão empresarial, as maiores representantes do ramo estão investindo pesado no setor e já contam com a realidade da existência de plantas que resistem a pragas, à escassez de águas ou àquelas adaptadas a solos pobres, além de outras novidades.

No âmbito mundial, o que nos parece é que estamos diante de um futuro melhor para a humanidade, principalmente no que diz respeito ao combate à fome, já que a atual capacidade de produzir comida já é suficiente para alimentar mais de seis bilhões de pessoas. Além do que, o progresso na área é dos mais promissores. No entanto, contra essa onda de otimismo, contamos com a realidade que nos chega no dia a dia, através de revistas, telas da televisão ou demais veículos de comunicações, trazendo imagens dramáticas de corpos esqueléticos de milhares de famintos, frutos de fatores naturais, de guerras tribais na África, conflitos étnicos ou religiosos, como os que ocorrem nos Balcãs ou Oriente Médio. Mas essas razões não são as únicas explicações para tanto sofrimento. A fome, que castiga esses povos, não ocorre em regiões isoladas, países econômica e politicamente estáveis também sofrem desse mal, e o motivo pode ser buscado em um modelo político primado por um tipo de produção que não tem por finalidade a satisfação das necessidades humanas, mas sim a busca incessante do lucro. Tanto é assim que se tornou comum conter o crescimento de determinados gêneros alimentícios a fim de manter o preço e assegurar o lucro. Os alimentos são para aqueles que podem comprar, não para quem precisa deles. A grande ironia é que, muitas vezes, mesmo aqueles que trabalham a terra e produzem alimentos passam fome, pois não ganham o suficiente para comprá-los em quantidade adequada para sustentar suas famílias, já que, quando o produto chega ao mercado, o seu preço está além do que lhe propicia seu parco salário.

O Brasil, já a algum tempo, vem mostrando sua vocação agrícola. Novas áreas estão sendo, sucessivamente, incorporadas ao processo produtivo. Um exemplo recente do fato é o Estado do Piauí, que tem mostrado excelência na produção de soja e fruticultura.

A resposta a tanta tecnologia, aliada ao aproveitamento de áreas novas e incentivo governamental, é o aumento fabuloso da produtividade no campo. A safra de grãos 97/98 foi da ordem de 80,7 milhões de toneladas, colocando o Brasil como o oitavo produtor mundial de grãos. A fatura é tanta que o país se dá ao luxo de desperdiçar. Segundo dados da Embrapa, aproximadamente 3,5 milhões de toneladas de grãos são perdidos durante a colheita, o armazenamento e o processamento. Para o escoamento de tanta produção, a rede viária está sendo ampliada e uma das características de nossas estradas é de irem em direção aos portos do litoral, pois plantamos para exportação. O mais interessante, no atual contexto, é que, para a categoria de empresários agrícolas exportadores, até mesmo a crise cambial que o Brasil enfrenta, que culminou com a queda do real, lhes é benéfica, pois recebem em dólar pela venda de seus produtos. Ainda assim não cessam de pressionar o governo no sentido de este lhes conceder novos empréstimos, alongar por prazos inacreditáveis as rola-

nes resistentes a pesticidas poderem propagar-se das plantas que deveriam ser poupadas para as ervas daninhas que têm que ser erradicadas, ou que o pólen de um transgênico seja levado pelo vento ou por insetos para plantações vizinhas, resultando em cruzamentos imprevisíveis e temem a perda da biodiversidade. De qualquer forma, o país caminha rapidamente para o ingresso na era transgênica, com exceções de alguns estados do sul, que estão de olho no comércio de produtos orgânicos. Como já vimos, existe, no comércio de commodities, nichos específicos para produtos de preço mais elevados e de maior valor agregado, como é o caso dos cultivos convencionais. Trata-se de um grande filão comercial para a Europa, por constituírem produtos mais conhecidos e, por isso mesmo, mais confiáveis. Esses cultivares, apesar do custo mais elevado de produção e da menor rentabilidade na hora da colheita, adquirem um valor muito mais elevado, já que são destinados a uma clientela mais exigente, que não se incomoda em pagar mais para consumir alimentos que lhe dão maior segurança.

A atitude do governo brasileiro, em relação ao assunto, parece caminhar no sentido de viabilizar esse tipo de produção, tendo, no entanto, o cuidado para que o produto final, ao chegar às prateleiras dos supermercados, venha acompanhado de rótulo que o identifique, dando à população a oportunidade de saber, de antemão, o que está levando para sua mesa.

A favor do governo está uma imensa leva de produtores dispostos a lançarem mão de uma agricultura mais rentável, alegando, inclusive, a necessidade de competirem em situação de igualdade com a Argentina, nosso vizinho do Mercosul, já adepto dos plantios modernos.

Contra essa nova forma de produzir pesa, além dos possíveis danos à saúde e ao meio ambiente, também, o fato de que as grandes multinacionais poderão patentear as sementes modificadas, deixando o agricultor a sua mercê, já que a cada plantio terão que serem usadas sementes novas adquiridas sempre da mesma fonte, criando, assim, um laço permanente de dependência. Além do mais, no futuro, a opção alimentar das pessoas poderá ser dificultada à medida que se torna impossível identificar os componentes nutritivos de cada variedade.

Alguns órgãos governamentais, como é o caso da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), ou grandes empresas multinacionais, como a Monsanto, sediada em Goiatuba (GO), e suas congêneres, já estão prometendo, para a entrada do novo milênio, uma nova revolução na agricultura brasileira. Dentro dessa nova visão empresarial, as maiores representantes do ramo estão investindo pesado no setor e já contam com a realidade da existência de plantas que resistem a pragas, à escassez de águas ou àquelas adaptadas a solos pobres, além de outras novidades.

gens de suas dívidas, diminuir juros provenientes de empréstimos agrícolas sem se preocuparem com o rombo causado às finanças públicas já tão debilitadas. O mais interessante é que essa pressão ocorre num período imediatamente posterior ao governo federal anunciar o corte de 30% nas cestas básicas destinadas à população faminta do nordeste.

Difícil, mesmo, é acreditar que aqui, nesta terra da promessa, com abundância de terras, alimentos e meios para distribuí-los, pessoas morram de fome; a região mineira do Vale do Jequitinhonha e a Região Nordeste são as mais contundentes provas disso. O desenvolvimento não serviu para matar a fome desses brasileiros que sofrem, definham e morrem na mais completa inanição. O nosso país não se deu conta de que a democracia envolve, também, uma distribuição mais equitativa das riquezas da nação e que esses cidadãos têm direito à vida e à dignidade, o que prova que nem toda técnica que a humanidade conquistou no decorrer dos tempos serviu para amenizar o sofrimento de todos, pois a mesma é privatizada e só está à disposição de poucos.

A fome, em nosso país, como em algumas outras partes do mundo, está diretamente ligada à falta de acesso das pessoas aos alimentos. Eles existem em quantidade, mas parte da população não possui meios para adquiri-los. É a fome em meio à abundância.

Para que os cultivares genéticos venham realmente auxiliar no combate à miséria e à fome é imperativo que haja um compromisso moral e ético por parte dos governantes e de toda a nação, no sentido de maior justiça social, pois somente as forças do mercado não serão capazes de amenizar o problema. As estatísticas mostram que oito em cada dez crianças famintas, em regiões pobres, vivem cercadas de excedentes de alimentos.

#### ABSTRACT

AMORIM, Wilma Melhorim. Hunger in the promising land. *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n.3, jun.1999.

Nowadays, more than ever, the technical and scientific progress applied to the agricultural sector, as well to the other sectors of the modern life, helps to attest the spectacular growing that the humankind has reached. Nevertheless, in spite of so many conquests, the hunger still chastens thousands of people all around the world. It happens because this development process, based on the capitalist system's ways of production, hasn't been based on ethic and democratic principles, in the sense of giving everyone what falls them in the distribution of the historically conquered natural and cultural goods. The endless search for profits, oriented by the market economy, hinders thousands of people of taking

advantages of the conquests which might improve the human welfare as a whole. This is why entire populations have their necessities ignored and they suffer because of the hunger, in an unfailing capacity of food production.

## BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Wilma Melhorim. *O Amarelo da Soja Invade o Cerrado*. Goiânia: UFG, 1996. (Dissertação de mestrado)
- CASTRO, Josué. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- DAMIANI, Amélia Luisa. *População e Geografia*. São Paulo: Contexto, 1997.
- DIAS, Jaqueline. Nasce uma geração de agricultura orgânica. Brasília, *Jornal Gazeta Mercantil*, 26 jun. 1999. p.03.
- FILHO, Warner Bento. Consumo de transgênico já ocorre no Brasil. Brasília, *Jornal Gazeta Mercantil*, 27 jun. 1999. p.1.
- GEORGE, Pierre. *Geografia da População*. São Paulo: Difel, 1986.
- HOSSEPIAN, Mauro. Soja da Monsanto recebe sinal verde. Brasília, *Jornal Gazeta Mercantil*, 09 jun. 1999. p.20.
- JOHNSON, Renato. *Avanço Genético*. Brasília, *Jornal Gazeta Mercantil*, 1999.
- MARCONDES, Maria Elisa. et. alli. *A Fome na Atualidade*. São Paulo: Scipione, 1997.
- QUEIROZ, Antonio Carlos. A soja geneticamente modificada. Brasília, *Jornal Correio Brasiliense*, 23 jun. 1999. p.17.
- REGO, José de Jesus Morais. Seca: programas e integração. Brasília, *Gazeta Mercantil*, 03 jun. 1999. p.02.
- SANTOS, Regina Bega. *Migrações no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1994.
- SANTOS, Walter Jr. *Democracia o Governo de Muitos*. São Paulo: Scipione, 1996.
- ZEHURI, Alexandra. et. alli. *A radioatividade salva*. Brasília, *Revista ANABB*, nov./dez. 1995. p.44-47.
- . Cardápio sem riscos. Brasília, *Revista ANABB*, maio/jun. 1998. p.6-13.